

## **E Tu, Tens Medo de Mim?<sup>1</sup>**

Renata MONTE<sup>2</sup>

Glauber Santos Paiva FILHO<sup>3</sup>

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

### **RESUMO**

O documentário “E Tu, Tens Medo de Mim?”, criado como trabalho de conclusão de curso do curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza, nasce com a missão de ajudar a difundir o teatro como meio de comunicação e transformação social, através do registro do trabalho desenvolvido pelo coletivo artístico As Travestidas - destaque da cena cultural cearense, que leva o universo de travestis e transexuais aos palcos nacionais e internacionais. O filme narra o processo de produção do espetáculo “Quem Tem Medo de Travesti” e entrelaça histórias dos membros do grupo a fim de remontar a trajetória de um dos coletivos mais importantes do Ceará.

**PALAVRAS-CHAVE:** travesti, teatro, documentário, transformismo, audiovisual

### **1 INTRODUÇÃO**

O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. De janeiro de 2008 a março de 2014, foram registradas 604 mortes no país. O dado é da Organização Não Governamental (ONG) Transgender Europe – uma rede europeia de organizações que apoiam os direitos de pessoas transgêneros. Só em janeiro de 2016, foram contabilizadas mais de 60 vítimas de transfobia.

Em 2015, o Grupo Gay da Bahia (GGB) demonstrou como a intolerância mata os homossexuais no Brasil, com base em notícias divulgadas na imprensa, dados de ONGs e o site “Quem a Homotransfobia Matou Hoje”, atualizado quase todos os dias. De acordo com o relatório, 318 LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) foram assassinados no Brasil durante o ano passado, o que significa uma vítima de crime de ódio a cada 27 horas, sendo 52% gays, 37% travestis, 16% lésbicas, 10% bissexuais, 1% amantes de travestis e 7% heterossexuais confundidos com homossexuais.

Segundo o GGB, o Nordeste ainda é a região que mais mata seus filhos LGBTs, sendo o local de 106 óbitos, seguido do Sudeste, com 99, o Norte, com 50, o Centro-

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na categoria Jornalismo, modalidade Documentário Jornalístico e Grande Reportagem em vídeo e televisão.

<sup>2</sup> Recém-graduada e líder no Curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza, email: [renatamonte01@gmail.com](mailto:renatamonte01@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza, email: [glauberpaivafilho@gmail.com](mailto:glauberpaivafilho@gmail.com)

Oeste, com 40, e o Sul, com 21 mortes. O parecer indica ainda que a maioria dos crimes com homossexuais acontecem na casa das vítimas, enquanto travestis são assassinadas nas ruas. (GGB, 2015). O risco de morte para travestis e transexuais é 14 vezes maior que para um gay, no Brasil.

A discriminação, fruto do preconceito e da intolerância, acabou virando faísca para o trabalho do ator e diretor Silvero Pereira incendiar de vez. O dramaturgo fez da temática o seu palco e decidiu dar voz a essa parcela marginalizada da sociedade, fazendo de seus espetáculos um meio de luta para que os direitos de travestis e transexuais fossem assegurados e pelo fim do preconceito, o teatro com essência além do entretenimento e da arte, com cunho social.

Em 2008, Silvero criou o coletivo artístico As Travestidas, formado por atores e atrizes homossexuais e travestis. O trabalho artístico e também de luta desenvolvido pelo grupo ganhou destaque na cena cultural e LGBT de Fortaleza e é, atualmente, um dos coletivos de maior relevância para o teatro e para organizações de políticas públicas voltadas para esse segmento no Ceará.

Sem um roteiro pré-definido, a equipe de produção do documentário se apropriou de espaços culturais de Fortaleza e criou laços afetivos com o elenco do coletivo, a fim de extrair ao máximo as memórias de infância, família, religião, preconceito e amizade que cada indivíduo carrega e suas respectivas relações com o enredo do espetáculo “Quem Tem Medo de Travesti”. Grande parte do que é relatado ao público na peça, que dá base ao projeto cinematográfico, são histórias reais vivenciadas pelos próprios atores.

A peça, que estreou no dia 27 de abril de 2015, no Sesc Iracema, na capital cearense, teve lotação de público e a produção se viu obrigada a fazer uma sessão extra. O sucesso da estreia rendeu ainda mais espectadores nas temporadas seguintes, onde cerca de 700 pessoas tentavam assistir ao espetáculo em um teatro com capacidade para 246, em um dos dias de apresentação.

No documentário, não há um locutor guiando o espectador pela narrativa. É quem o assiste, o responsável por encontrar as memórias singulares de cada integrante do coletivo e como os depoimentos se confundem com as vivências das personagens da peça.

Ao contrário do que a imparcialidade jornalística propõe, não houve a preocupação em apenas retratar a trajetória do grupo ou a produção do novo espetáculo. Apesar de em nenhum momento se interferir no curso natural dos acontecimentos e das falas dos personagens, o documentário mostra-se claro enquanto função social e busca ajudar na

segurança dos direitos democráticos das travestis e resultou em uma produção que vai além de um trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza.

## 2 OBJETIVO

**2.1 Objetivo Geral** – Produzir um documentário sobre o coletivo artístico As Travestidas, abordando o papel cultural e político que a arte possui e levando ao espectador a relação entre a comunicação e teatro e como ambos são capazes de transformar um meio social, sendo não só um trabalho de conclusão de curso de uma universidade, mas também uma proposta de sociedade com mais respeito à diversidade.

**2.2 Objetivos Específicos** – Contar histórias vividas por cada ator e atriz, afim de narrar a trajetória do grupo. Entrelaçando-se às narrativas individuais, o documentário também busca explicar o processo de produção do espetáculo Quem Tem Medo de Travesti, desde a sua concepção ao dia da estreia, passando por ensaios e temporadas em dois teatros cearenses.

## 3 JUSTIFICATIVA

A travesti saiu das ruas e ganhou os palcos. Pulou das páginas policiais para os cadernos de cultura dos jornais. Uma realidade que só foi possível através da arte, feita como militância e como agente de transformação da sociedade.

É relevante quando a comunicação caminha de mãos dadas com a cultura e dá espaço aos que precisam de voz e de vez. É valoroso encontrar no teatro, no cinema, na dança ou em qualquer outro tipo de manifestação artística princípios tão similares ao do jornalismo, que muito além de informar, é capaz também de educar, socializar, modificar pessoas e ser difusor de direitos democráticos. Essa justificativa é a base deste documentário.

Assim como no espetáculo Quem Tem Medo de Travesti, que não se sabe quais dos contos narrados são reais ou quais são frutos da imaginação dos autores, o filme também não tem a missão de ser verossímil. Eduardo Coutinho, por exemplo, em uma entrevista concedida em 2011, afirma:

Eu não estou interessado no conteúdo social da vida da pessoa, eu estou interessado no que a pessoa fala a partir de sua experiência sabendo que, como é memória, toda memória é mentirosa, portanto tem verdade e mentira juntas, isso é inevitável. Não há solução. Ninguém consegue desobstruir a memória, então eu aceito aquilo que é exagero.

Segundo Bill Nichols (2005), um documentário, por mais que seja com uma temática ficcional, ainda pode ser considerado não-ficcional, se levar em consideração que existe uma realidade cultural que o produz. Da mesma forma, o contrário. “Não é reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares”, afirma.

Lidar com adversidades fez parte do projeto de produção e, principalmente, das emoções convocadas durante as entrevistas. “Filmar os homens reais no mundo real representa estar tomado pela desordem dos modos de vida, pelo indizível das vicissitudes do mundo, aquilo que do real se obstina a enganar as previsões. Impossibilidade do roteiro” (COMOLLI, 2011, pg.99), é trazer à tona o lado mais humano e sensível dos personagens e mostrar suas dores e alegrias consigo, com a arte e com a sociedade.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Antes mesmo da primeira versão do roteiro da peça chegar às mãos da equipe, no segundo semestre de 2014, fez-se necessário uma intensa pesquisa sobre o universo transexual, a realidade da comunidade LGBT no Brasil, os primeiros estudos sobre gênero e sexualidade e as nuances do teatro, além do aprofundamento em técnicas de produção de um documentário.

Entre as obras estudadas estão “Introdução ao Documentário”, de Bill Nichols (2005); “Sob o Risco do Real”, de Jean-Louis Comolli; “Bastidores e Estreias: Performers Trans e Boates Gays ‘Abalando’ a Cidade”, de Juliana Justa (2009); “Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação”, de Alexsandro Rodrigues, Catarina Dallaicula e Sérgio Rodrigo Ferreira (2014). No âmbito cinematográfico, o documentário “Dzi Croquetes” (2009) também foi usado como inspiração para a realização do produto.

No começo de 2015, quando o coletivo deu início às primeiras leituras do texto e aos ensaios, a equipe passou a acompanhar os encontros do grupo para entender melhor a dinâmica do espetáculo, delimitar a estrutura da obra e o posicionamento de câmeras. Foram gravados ensaios no Teatro José de Alencar, na Casa de Andaluzia, no Galpão da Vila – onde funciona a sede do grupo - no SESC Iracema, onde ocorreu a estreia do espetáculo, e outras subsequentes, com intuito de possuir extenso material documentado, como a apresentação de outro espetáculo do coletivo, o “Cabaré das Travestidas”.

Neste período também foram gravadas as entrevistas individuais com todos os atores do elenco (Alicia Pietá, Dênis Lacerda, Diego Salvador, Ítalo Lopes, Verónica Valentinno, Patrícia Dawson e Rodrigo Ferrera), os diretores da peça (Silvero Pereira e Jezebel de Carli) e o responsável pela produção executiva e técnica da companhia (Fábio Vieira).

As locações das entrevistas ficaram por conta dos personagens. Optamos por deixar que cada um escolhesse lugares que fossem importantes ou remetessem a uma memória afetiva. Ao todo, existem mais de 20 horas de gravações entre peças, ensaios e entrevistas.

O filme foi feito por diversas mãos de estudantes e profissionais da área do audiovisual, cinema e publicidade, que contribuíram não só com a captação das imagens, como também com uma visão mais artística do conteúdo. Pessoas que, de alguma forma, já possuíam afinidade com o tema e com o elenco.

O documentário utiliza-se das principais particularidades de cada personagem para a construção da narrativa, sugerindo tons mais dramáticos e mais leves, de acordo com cada entrevista.

Como trata-se de um registro do espetáculo *Quem Tem Medo de Travesti*, optamos por manter a mesma trilha sonora utilizada na peça, incluindo passagens onde os atores também cantam. As canções foram *Fjögur Píanó*, de Sigur Rós, *Androginismo*, de Chicas e *Pérola Negra*, de Luiz Melodia.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

As primeiras entrevistas foram realizadas ainda durante o processo de montagem do espetáculo. O ator e bailarino Diego Salvador conversou na sala de dança da Escola Porto Iracema das Artes. No mesmo dia, o ator e humorista Dênis Lacerda concedeu entrevista em frente ao teatro do Instituto Dragão do Mar de Arte e Cultura.

Alícia Pietá escolheu o auditório do Instituto Federal do Ceará (IFCE) como local para falar sobre sua trajetória pessoal e profissional. Também no mesmo dia, em seu próprio quarto, Fábio Vieira contou sobre os desafios de lidar com a parte técnica de uma peça.

Em virtude da agenda lotada, tendo em vista a vida dividida pela ponte área Fortaleza/Porto Alegre, a diretora gaúcha Jezebel de Carli foi filmada no calçadão da

Av. Beira Mar, ponto turístico de Fortaleza. No Estoril, outro ponto turístico, Rodrigo Ferrera, o mais jovem e novato do grupo, falou sobre seu trabalho.

A entrevista de Patrícia Dawson aconteceu no Theatro José de Alencar e a de Silvero Pereira ocorreu no Sesc Iracema, no último dia da primeira temporada. Jomar Carramanhos, ou melhor, Verónica Valentinno, conhecida pela boemia, escolheu um bar para dar entrevista. Montada, a artista falou de sua relação com a música e o protestantismo da família.

O último entrevistado foi Ítalo Lopes, filmado na Sede das Travestidas, o ator que é homossexual, revelou ser adepto ao protestantismo, mesmo sofrendo preconceito pela classe religiosa.

A montagem do documentário foi feita por um amigo e estudante do curso de Cinema da Universidade Federal do Ceará (UFC), Uirá Dantas. Foram feitas as decupagens e seleções das imagens captadas anteriormente que deveriam ser utilizadas, além de imagens de arquivo do grupo.

As imagens foram feitas por câmeras Canon 6D, Canon 60D, Canon 70D, Nikon D7000, Canon T3i, Panasonic P2 HD 3ccd de referência PANASONIC AG-HPX170P, GoPro Hero4.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Silvero Pereira encontrou no teatro uma fórmula de incomodar, de gerar desconforto, de bater na cara e te fazer acordar para o mundo. Em seus espetáculos, sempre intensos sobre o universo trans, o artista coloca o espectador no mesmo patamar que as travestis através de um único sentimento que capaz de nos unir: o medo. Igualdade que ainda teimamos em não reconhecer. Silvero costuma dizer que o teatro salva vidas e ele e seu coletivo, definitivamente, salvaram as nossas.

Apesar da narrativa do filme se debruçar sobre a vida dos artistas e suas relações com o espetáculo “Quem Tem Medo de Travesti”, mostrando suas angústias, suas motivações e seus desafios na produção da nova peça, a motivação para a realização do documentário “E Tu, Tens Medo De Mim” foi, antes de mais nada, tentar retribuir a mudança causada em nós, depois das reações catárticas pós-apresentações do coletivo As Travestidas. Ser com o documentário, assim como o grupo é com o teatro, agentes de transformação, um meio de inquietude, provocadores do desconforto e asseguradores do respeito às travestis.

Com o documentário, apreendemos o quanto precisamos e o quanto ainda estamos longe de alcançar políticas públicas realmente efetivas para dar voz a travestis e transexuais. Compreendemos o quanto nossa imprensa ainda é despreparada para tratar as travestis como devem ser tratadas.

Percebemos que todos nós temos medo de travestis, uma vez que essas figuras nos são apresentadas como personagens de uma realidade muito distante da nossa, uma realidade desconhecida. É preciso resgatar essas pessoas e fazer com que elas se sintam e sejam, de fato, parte do mesmo todo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, J. F. da J. **Bastidores e Estreias: Performers Trans e Boates Gays “Abalando” a Cidade.** 2009. 156f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Humanidades. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

COMOLLI, Jean-Louis. **Sob o Risco do Real.** Catálogo do forumdoc.bh.2001 – V Festival do Filme Documentário e Etnográfico de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Filmes de Quintal, 2001, p. 99-108 e 109-116.

EDUARDO COUTINHO: tudo que faço é contra o jornalismo. [Entrevista] Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/02/eduardo-coutinho-tudo-o-que-eu-faco-e-contra-o-jornalismo/>>. Acesso em: 30 de maio de 2014

FOUCAULT, M. **História da sexualidade.** I: A vontade de saber. 17.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GGB. **Grupo Gay da Bahia.** Disponível em: <[www.ggb.org.br](http://www.ggb.org.br)>. Acesso em 29 de abril de 2016.

GRIERSON, J. **First Principles of Documentary.** 1932-34 in Ed. Forsyth Hardy, Grierson on documentary, Revised edition, University of California Press, Berkeley, Los Angeles, 1966, pp. 145- 156.

JAYME, J. G. **Travestis, transformistas, Drag Queens, Transexuais: identidade, corpo e gênero.** In. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, no painel Sexualidades Minoritárias? Identidades, Associações e Movimentos LGBT. Minas Gerais, 2004

LAQUEUR, T. W. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LOMBROSO, C. **O Homem Delinquente.** 1876

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário.** 3ed. São Paulo: Papyrus, 2005

PERES, S. S. **O formato e a linguagem dos documentários produzidos sobre a cidade de São Paulo.** In. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 9, 2007. Anais Eletrônicos. Disponível em:  
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0626-1.pdf>>. Acesso em 30 abril 2015.

QHMH. **Quem a Homotransfobia Matou Hoje.** Disponível em:  
<[www.homofobiamata.wordpress.com](http://www.homofobiamata.wordpress.com)>. Acesso em 29 de abril de 2016.

RINK, A.;CAPISTRANO, C. **Sensibilização e vivência mítica de ser um centauro: uma visão psicológica, sensorial e ecológica.** In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX. **Anais.** Curitiba: 2009.

RODRIGUES, A.; DALLAICULA, C.; FERREIRA, S. R. S. **Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação.** Espírito Santo: EDUFES, 2014

TGEU. **Transgender Europe.** Disponível em: <[www.tgeu.org](http://www.tgeu.org)>. Acesso em 29 de abril de 2016.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: Louro, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 37-82.

## ANEXOS



Imagem 1: Apresentação do espetáculo



Imagem 2: Apresentação da peça



Imagem 3: Bastidores da estreia, dia 27 de abril de 2015



Imagem 4: Entrevista com a atriz Alicia Pietá

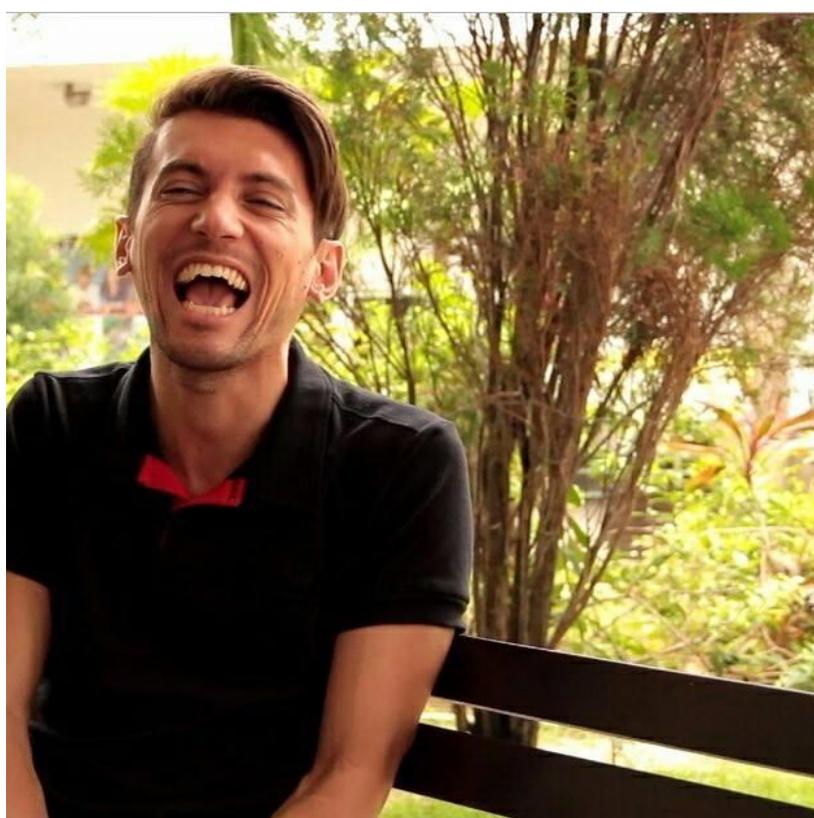


Imagem 5: Entrevista com o ator Dênis Lacerda